

## **Impacto das Ações de Extensão do Projeto UNIFORTE nas Propriedades de Cafés Fairtrade da UNIPASV**

Felipe Campos Figueiredo<sup>1</sup>; Marlene Aparecida de Andrade<sup>2</sup>; Luiz Carlos Onofre<sup>3</sup>; Paulo Sérgio dos Santos<sup>4</sup>; Jaqueline de Fátima Bueno Leite<sup>5</sup>; Karyna Rodrigues da Silva<sup>6</sup> e Marco Antônio Ávila<sup>7</sup>

<sup>1,2,3,4,5,6,7</sup> Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Muzambinho, Muzambinho, MG. <sup>1</sup>felipe@eafmuz.gov.br; <sup>2</sup>lenynewresende@hotmail.com; <sup>3</sup>lc.o@hotmail.com; <sup>4</sup>paulosergionr@bol.com.br; <sup>5</sup>jaquelinefatimaped2009@hotmail.com; <sup>6</sup>karynarodrigues22@hotmail.com; <sup>7</sup>marcopereiraavila@yahoo.com.br.

### **Introdução**

As organizações de Fairtrade estão se tornando um importante canal de distribuição de produtos orgânicos na Europa, englobando produtos como bananas, cacau, mel, chá e café (UNCTAD, 1999). O consumo de cafés especiais, como orgânicos, mercado justo Fair Trade, UTZ- Certified e Rain Forest Alliance, está aumentando intensamente, seguindo tendência de consumo de produtos “responsáveis” do ponto de vista sócio ambiental (FRANCO e NADAI, 2011). Segundo a Fairtrade Federation, os princípios do movimento incluem: pagamento de salários justos aos trabalhadores, trabalho cooperativo, educação do consumidor, sustentabilidade ambiental, suporte técnico e financeiro, e respeito à identidade cultural (DICUM e LUTTINGER, 1999). Para a manutenção do direito a vender o café com este selo, são necessárias adoção de determinadas condutas determinadas por uma certificadora que é a FLO-Cert que audita anualmente as associações detentoras do selo. Segundo Magela et al. (2007), no Brasil destacam-se as associações de cafeicultores que representam os produtores de cafés diferenciados e atuam na mudança da imagem do café brasileiro internacionalmente.

Com o passar dos anos as exigências se tornam cada vez maiores e obrigam as associações a tomarem medidas de ajustamento da associação como um todo. Diante desta realidade foi firmada uma parceria entre a UNIPASV, IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho e a Iharabras, de modo a propor medidas de diagnose e implementar medidas e ações em conformidade com as normas da certificação. Esta parceria foi denominada Projeto UNIFORTE que possui o objetivo de desenvolver e avaliar uma metodologia que possa auxiliar os associados da UNIPASV na adequação das suas propriedades às normas da certificadora FLO-cert, bem como, possibilitar aos discentes do Curso Superior em Tecnologia em Cafeicultura do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho, oportunidades para

que estes possam colocar em prática conhecimentos e habilidades desenvolvidas em sala de aula. Deste modo, o trabalho teve o objetivo de avaliar o impacto das ações de extensão do projeto UNIFORTE nas propriedades certificadas com selo Fairtrade.

### **Material e Métodos**

O projeto Uniforte possui uma configuração em espiral onde cada módulo possui a duração de um ano e representa um ciclo. Cada ciclo possui 3 etapas: 1<sup>a</sup> – Diagnóstico inicial das propriedades; 2<sup>a</sup> – implementação de ações de extensão e 3<sup>a</sup> – diagnóstico final e quantificação das melhorias nas propriedades e impacto das ações do projeto. O projeto teve início no 2º semestre de 2010 já foram realizadas 2 módulos.

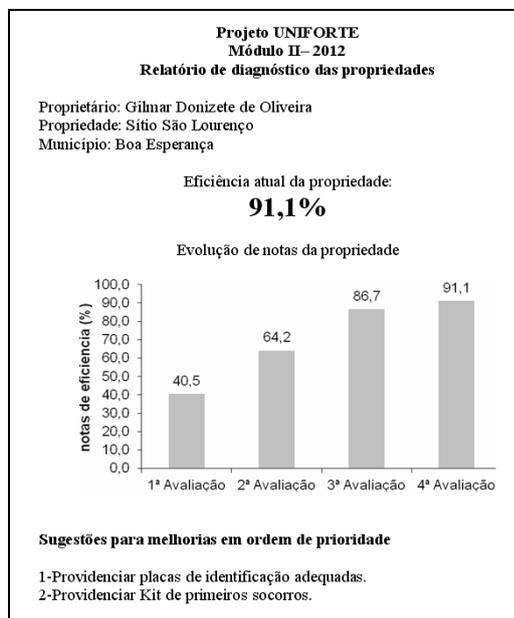
De acordo com as exigências da certificadora e com as necessidades dos cafeicultores foi desenvolvido um formulário para diagnóstico que abordasse cada atividade realizada na propriedade, tendo como avaliadores os alunos do Curso Superior de Tecnologia em Cafeicultura do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho, acompanhados pela comissão de meio ambiente da UNIPASV. Este formulário abordou diversos pontos como o manejo de defensivos, preservação ambiental, casa de agroquímicos, segurança no trabalho e práticas de adubação totalizando 36 itens a serem analisados. Cada item foi avaliado com notas de 1 a 5, atribuindo nota 1 para pior situação e nota 5 a melhor condição para o item avaliado. Para as avaliações, foram realizadas visitas às propriedades onde foram entrevistados os proprietários e observada às condições de cada uma.

Após a avaliação nas visitas às propriedades foi calculado o índice de eficiência através do somatório das notas dos itens avaliados de cada propriedade e transformados em escala percentual. De posse das avaliações foi possível calcular o índice de eficiência médio das propriedades, coeficiente de variação, intervalo de confiança com uma probabilidade de 5% da tabela do teste *t*. Com isto, foi possível calcular a proporção de propriedades com notas de 1 a 5 e os itens prioritários a serem melhorados. Propriedades com índice de eficiência menor que 20% receberam nota 1; de 20 a 40%, receberam nota 2; 40 a 60%, nota 3; 60 a 80% nota 4 e acima de 80% nota 5. Com os resultados, procedeu-se a segunda etapa do projeto que consistiu na formulação de medidas para a realização das ações de conscientização com intuito de ajustar os pontos fracos diagnosticados.

As ações corretivas foram realizadas pela equipe do Projeto UNIFORTE no final do 2º semestre de 2010, tomando como estratégia a execução de palestras que abordavam os pontos a serem melhorados e que estavam abaixo da média.

Após as ações de extensão, iniciou-se a terceira etapa do projeto que consistiu em um novo levantamento diagnóstico dos mesmos itens avaliados inicialmente de modo a verificar as melhorias realizadas nas propriedades e se obter o índice de eficiência das propriedades. Nessa etapa foi adotada uma estratégia para a realização de um trabalho personalizado por parte dos alunos em cada propriedade, que tinha como base a avaliação dos itens juntamente com um trabalho de orientação, direcionados aos itens a serem melhorados.

Para o módulo 2 as estratégias também foram melhoradas e definiu-se que ao aplicar o relatório, os avaliadores já indicariam aos produtores medidas para melhoria e, assim, tornar o processo mais personalizado e eficiente (Figura 1). A planilha de campo também foi revisada de modo a ficar mais sucinta e com dados necessários a rastreabilidade da produção e cálculo do custo de produção das lavouras.



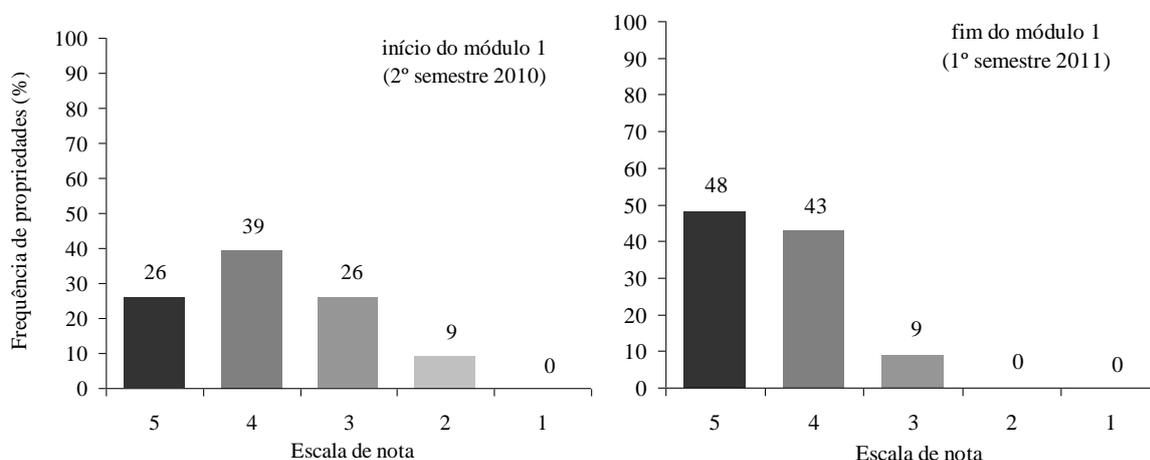
**Figura 1.** Relatório de diagnóstico de cada propriedade.

## Resultados e Discussão

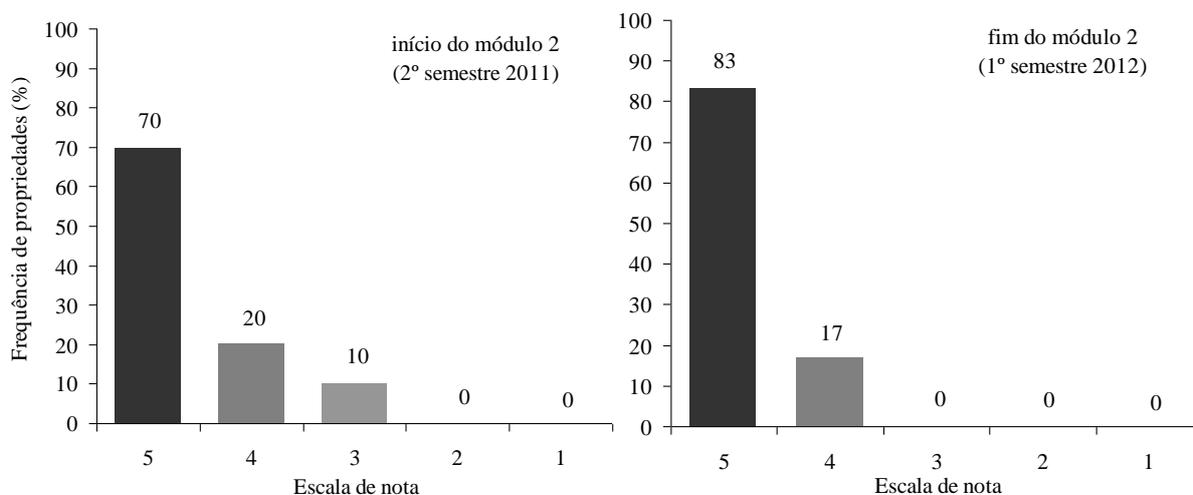
Através da frequência das propriedades com notas de 1 a 5, verificou-se que no início do módulo 1 a maior parte das propriedades (39%) possuíam nota 4, enquanto 26% possuíam nota 5; 26%, nota 3 e 9%, nota 2 (Figura 2). Após as ações de extensão que incluíram basicamente palestras nas comunidades, foi observada uma evolução onde constatou-se que 48% das propriedades possuíam nota 5, e as com nota 4 passaram a representar 43% e as com nota 3, 9%. Não foi observado propriedades com nota 2 ou 1 (Figura 2).

No módulo 2 a metodologia foi revisada e optou-se por implementar novas ações que consistiram em avaliar e concomitantemente, instruir os produtores quanto as modificações

necessárias para melhoria das propriedades. No início do módulo 2, no segundo semestre de 2011, existiam 70% das propriedades com nota 5, 20% com nota 4 e 10% com nota 3. Após as ações de extensão deste módulo, 83% das propriedades obtiveram nota 5 e 17%, nota 4. As propriedades com nota 3, 2 e 1 deixaram de existir na associação (Figura 3).



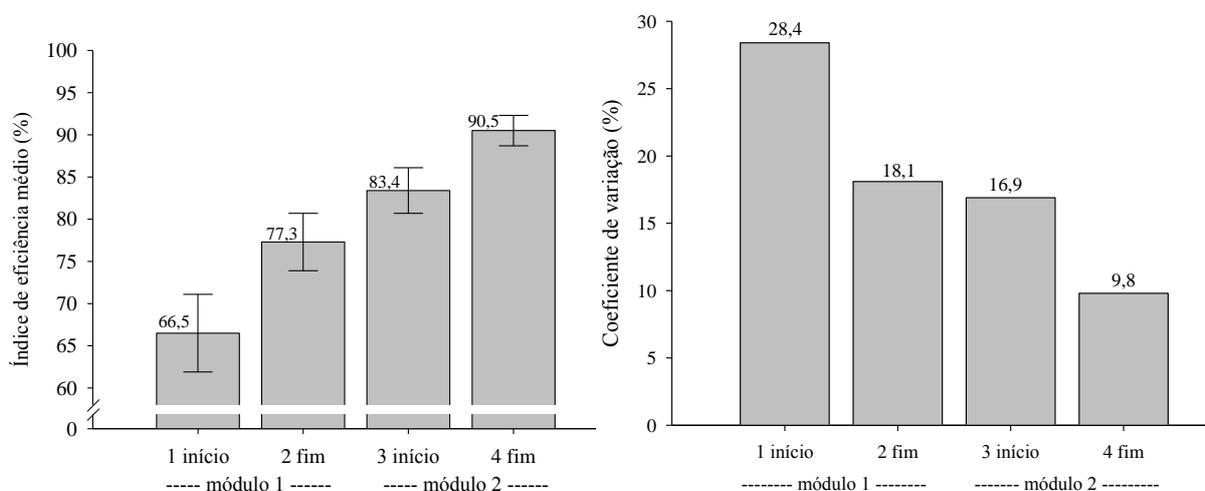
**Figura 2.** Frequência de propriedades com notas de 1 a 5 no início (2º semestre de 2010) e no final (1º semestre de 2011) do módulo 1.



**Figura 3.** Frequência de propriedades com notas de 1 a 5 no início (2º semestre de 2011) e no final (1º semestre de 2012) do módulo 2.

Comparando o índice de eficiência médio em cada módulo, foi possível observar que no início do módulo 1 era de 66,5% e ao final deste, aumentou significativamente para 77,3% e o coeficiente de variação reduziu de 28,4% para 18,1% (Figura 4). No início do módulo 2 o índice de eficiência médio das propriedades era 83,4% e ao final também aumentou significativamente para 90,5%, enquanto o coeficiente de variação de 16,9% para 9,8% (Figura 4). As melhorias foram evidentes e o impacto foi positivo, sendo observado aumento do índice de eficiência médio de 16,2% no módulo 1 e de 8,5% no módulo 2 concomitante

com a queda da discrepância entre propriedades, medida pelo coeficiente de variação que teve redução de 36,2% no módulo 1 e 42% no módulo 2 (Tabela 1). Após 2 anos de desenvolvimento do projeto houve um aumento expressivo do índice de eficiência médio das propriedades de 36,1% e redução de 65,5% no coeficiente de variação o que indica que além da melhoria das propriedades, elas estão cada vez mais uniformes o que é desejável numa associação com selo de certificação fairtrade, comprovando que as ações do projeto UNIFORTE foram eficientes para a melhoria do índice de eficiência das propriedades e consequentemente ao exigido pelas normas da certificadora.



**Figura 4.** Frequência de propriedades com notas de 1 a 5 no início (2º semestre de 2011) e no final (1º semestre de 2012) do módulo 2.

**Tabela 1.** Resumos do impacto do projeto UNIFORTE em cada módulo e geral no índice de eficiência médio e coeficiente de variação.

Constatações	Índice de eficiência médio	Coeficiente de variação
	----- % -----	
Impacto do 1º módulo	+16,2	-36,2
Impacto do 2º módulo	+8,5	-42,0
Impacto geral do Projeto	+36,1	-65,5

Trabalho semelhante realizado pelo INCAPER do Espírito Santo com pequenos produtores de café Conillon (FORNAZIER et al., 2010), identificaram situações semelhantes com as encontradas na associação UNIPASV destacando que as propriedades quase não apresentavam problemas com erosão de solo, grande parte dos produtores fazem análise de solo e adquirem defensivos segundo recomendação de profissional habilitado. O ponto

negativo que merece maior atenção encontrada nos dois trabalhos, faz referência à manipulação e aplicação de produtos químicos, que de modo geral é feito sem nenhum conhecimento técnico, colocando em risco a saúde dos trabalhadores e do meio ambiente.

Trabalhos desenvolvidos em outros modelos de certificação dão enfoque aos mesmos itens apontados pelo certificado Fairtrade e aqueles adotados pelo Projeto Uniforte e mostram problemas semelhantes aos encontrados das Unipasv. Este é o caso dos cafeicultores do cerrado que conquistaram o selo de origem “café do cerrado”, o que trouxe melhorias no sistema produtivo que até então era degradante, vislumbrando aspectos relacionados à aplicação de defensivos, questões ambientais e atendimento as leis trabalhistas (ORTEGA e JESUS, 2011). O trabalho realizado pela equipe do Projeto Uniforte caminha para se consolidar como uma opção na geração sustentabilidade em todos seus níveis.

### **Conclusões**

Foi possível concluir que as ações do projeto UNIFORTE impactaram positivamente nos índices de eficiência médio das propriedades, aumentou a frequência de propriedades com notas altas e reduziu a variabilidade entre as propriedades de forma significativa.

### **Agradecimentos**

A IHARA pelo imprescindível apoio que nos tem dado. À UNIPASV pela oportunidade de treinamento da equipe e ao NIPE do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho pela concessão da bolsa de iniciação em extensão.

### **Referências Bibliográficas**

DICUM, G.; LUTTINGER, N. The Coffee Book: anatomy of industry from crop to the last drop. New York: The New York Press, 1999. 196p.

ORTEGA, A.C.; JESUS, C.M.. CAFÉ DO CERRADO: CERTIFICAÇÃO DE ORIGEM, NOVA SOCIOLOGIA ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL. Disponível em: <[http://sep.org.br/pt/artigo\\_list.php?id=4&ar\\_nome=&page=2](http://sep.org.br/pt/artigo_list.php?id=4&ar_nome=&page=2)>. Acesso em: 02 maio 2011.

UNCTAD. Organic food and beverages: world supply and major European markets. Geneva: ITC, 1999. 271p.

MAGELA, G.J.; OLIVEIRA, V.C.S.; MACHADO, R.T.M. O papel das associações de interesse privado no mercado cafeeiro brasileiro. Revista USP, São Paulo, v.14, p. 17-31.

FRANCO, M.C.; NADAI, A.E.F. Características de certificação na cafeicultura brasileira. Revista Organizações Rurais e Agroindustriais, Lavras, UFLA. v.13, 2011 344-351p.